

OS ADJETIVOS EM –VEL FORMADOS EM PORTUGUÊS: ESTRUTURA ARGUMENTAL, ESTRUTURA TEMÁTICA E ASPETO DA BASE VERBAL

Rita Valadas Pereira¹

João Paulo Silvestre¹

Alina Villalva¹

anarita_valadas@hotmail.com

jpmsilvestre@gmail.com

alina_villalva@yahoo.com

RESUMO: A formação de adjetivos em –*vel* tem sido analisada e descrita por diversos autores, em relação ao Português, a outras línguas românicas e também ao Inglês, sendo geralmente referida como um caso típico e muito produtivo de adjetivalização deverbal. São muitos os verbos que permitem a formação deste tipo de adjetivos, atestados em *corpora* e em dicionários, ou apenas aceites como palavras potenciais. A perspectiva de que são formados a partir de verbos transitivos, possuindo uma leitura passiva, tem vindo a ser complementada por descrições que mostram que derivam de diferentes tipos de verbos e que têm diferentes interpretações, apresentando restrições diversas sobre a forma derivante. Neste trabalho, começaremos por apresentar um conjunto de palavras lexicalizadas em que se pode pensar que o sufixo –*vel* ocorre, mas que não podem ter sido formadas em Português (dado que não há bases derivantes disponíveis), e um segundo conjunto de adjetivos em –*vel* que têm uma estrutura composicional no Português, embora estejam atestadas no Latim – são os casos que terão permitido a transição do processo de adjetivalização do Latim para o Português. Em seguida, apresentaremos uma tipologia de casos de adjetivalização em –*vel* baseada na observação das suas restrições de seleção e faremos uma referência a adjetivos denominais em –*ável*, resultantes de outro processo de formação de palavras. Na secção seguinte, faremos uma caracterização semântica dos adjetivos e concluiremos com uma nota sobre problemas remanescentes. A caracterização dos adjetivos derivados permitirá perceber que nem todos apresentam as mesmas características morfológicas nem, e sobretudo, o mesmo tipo semântico.

PALAVRAS-CHAVE: Adjetivos em –*vel*; Estrutura argumental; Estrutura temática; Aspecto.

A formação de adjetivos em –*vel* é geralmente referida como um caso típico de adjetivalização deverbal, com um elevado índice de produtividade. São muitos os verbos que permitem a formação deste tipo de adjetivos, atestados em *corpora* e mesmo em dicionários,

¹ Doutor em Linguística. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

ou apenas aceites como palavras potenciais. Um olhar mais atento deteta, no entanto, restrições diversas sobre a forma derivante, à qual não basta ser um tema verbal do passado. Por outro lado, importa caracterizar os adjetivos derivados, dado que nem todos apresentam as mesmas características morfológicas nem, e sobretudo, o mesmo tipo semântico.

A formação de adjetivos em *-vel* tem sido analisada e descrita por diversos autores, quer no que diz respeito ao Português quer em relação a outras línguas românicas e ao Inglês. A perspectiva de que estes adjetivos são formados a partir de verbos transitivos, adquirindo uma leitura passiva tem vindo a ser complementada por descrições que mostram que derivam de diferentes tipos de verbos e que nem todos têm a mesma interpretação.

Neste trabalho, começaremos por apresentar um conjunto de palavras lexicalizadas em que se pode pensar que o sufixo *-vel* ocorre, para concluir que, na verdade, elas não podem ter sido formadas em Português (dado que não há bases derivantes disponíveis), e um segundo conjunto de adjetivos em *-vel* que têm uma estrutura composicional no Português, embora também estejam atestadas em Latim – estes últimos são os casos que terão permitido a transição deste próprio processo de adjetivalização do Latim para o Português. Em seguida, apresentaremos uma tipologia de casos de adjetivalização em *-vel* baseada na observação das suas restrições de seleção e faremos uma referência a adjetivos denominais em *-ável*, defendendo que se trata de adjetivos resultantes da intervenção de um outro processo de formação de palavras. Na secção seguinte, faremos uma caracterização semântica dos adjetivos e concluiremos com uma nota sobre problemas remanescentes. A observação da diacronia ajudou a compreender a heterogeneidade sincrónica do conjunto de adjetivos em *-vel*.

A análise dos dados foi desenvolvida no quadro apresentado em Villalva (1994, 2000) e Villalva (2008), a partir de propostas diversas, como as de Anderson (1977), de Miguel (1986), Salles e Mello (2005), Oliveira e Ngoy (2007) e Silva (2009), e do modelo de estrutura argumental de Anderson (1992: 186-197) e Grimshaw (1994: 7-44).

Em termos metodológicos, esta análise baseou-se em dados sincrónicos – recolhidos quer em *corpora* eletrónicos (*Corpus de Referência do Português Contemporâneo*² e *Corpus do Português*³), quer em dicionários de referência do Português contemporâneo (Priberam⁴ e Houaiss⁵) – e na documentação lexicográfica histórica disponibilizada no *Corpus*

² *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (<http://alfclul.clul.ul.pt/CQPweb/crpcweb23/index.php>).

³ *Corpus do Português*. NEH/BYU/Georgetown. (<http://corpusdoportugues.org/>).

⁴ *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* (<http://www.priberam.pt/dlpo/>).

⁵ Houaiss, A; Villar, M., *Dicionário do Português Atual Houaiss*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011.

*Lexicográfico do Português*⁶ e nos dicionários de Morais Silva (1789)⁷ e Cândido de Figueiredo (1913)⁸. Ainda que não se esperem diferenças significativas no comportamento da formação de adjetivos em *-vel* entre as variedades portuguesa e brasileira, a descrição que se segue é feita a partir do ponto de vista do Português Europeu.

1. FORMAS LEXICALIZADAS

O sufixo *-vel* (Port. antigo *-bil*) representa, em Português, um tipo de adjetivos deverbais que em Latim são formados com o sufixo *-(b)il(is)*. O significado resultante pode ser expresso pela perífrase ‘que pode’, ‘capaz de’. Além de *-bil(is)*, — de longe a formação mais produtiva, com cerca de 900 adjetivos registados no período clássico⁹ — existiu uma forma reduzida *-il(is)*, que formou adjetivos num conjunto restrito de verbos de tema consonântico, com valor de voz média: *agilis* (← *agere*) > *ágil*, *docilis* (← *docere*) > *dócil*, *facilis* (← *facere*) > *fácil*, *utilis* (← *uti*) > *útil* (cf. Miller 2006: 223-226).

Estes adjetivos registam mudanças semânticas na história da língua latina. O sufixo *-bil(is)* podia atribuir um valor passivo a adjetivos derivados de verbos transitivos, mas alguns perderam progressivamente esse valor. Assim, *amabilis* (← *amare*) passou de ‘que pode ser amado’ a ‘agradável’, e é justamente este o significado que chegou ao Português. No caso dos verbos intransitivos, o sufixo conferia um valor ativo, como em *stabilis* (← *stare*) ‘que está direito, que está sólido’. As línguas românicas em formação incorporaram o resultado dessa evolução. Apesar de muitos destes adjetivos serem termos especializados, insinuaram-se numa tradição escrita de textos administrativos, judiciais, religiosos. Após a consolidação das escritas dos vernáculos, continuaram a ser uma classe produtiva na relatinização do léxico, bem documentada nos séculos XVI, XVII e XVIII.

Considerando a origem latina e a sua estrutura no Português, palavras como *afável*, *horrível*, *plausível*, *terrível* ou *visível* não podem ser interpretadas como formações em

⁶ *Corpus Lexicográfico do Português*. Universidade de Aveiro – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (<http://clp.dlc.ua.pt/>).

⁷ Silva, A. M., *Diccionario da lingua portugueza*, Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789 (<http://www.brasilliana.usp.br/en/diccionario/edicao/2>).

⁸ Figueiredo, C. de, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto, Typ. da Empr. Litter. E Typographica, 1913 (<http://www.gutenberg.org/ebooks/31552>).

⁹ Vd. as formas atestadas em *Latin Dictionary*. Perseus Digital Library. Tufts University. (<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/resolveform?redirect=true&lang=Latin>)

Português, dado que as hipotéticas bases não correspondem a temas verbais. São decalques das formas latinas e, portanto, o reconhecimento de um sufixo – *vel* é, nestes casos, ilusório¹⁰:

adfari > *affabilis* ‘com quem se pode falar’, ‘(pessoa) agradável’ > *afável*

horrere > *horribilis* ‘que pode assustar’, ‘assustador’ > *horrível*

plaudere > *plausibilis* ‘que pode ser aprovado’ > *plausível*

terrere > *terribilis*, ‘que pode assustar’, ‘assustador’ > *terrível*

videre > *visibilis* ‘que pode ser visto’ > *visível*

É possível estabelecer um nexos semântico entre *visível* e *ver* ou entre *sensível* e *sentir*, mas as derivações não são explicáveis na morfologia do Português. O mesmo sucede entre *horrível* e *horror* ou *terrível* e *terror*. Nos casos de *afável* e *plausível* nem o nexos semântico pode ser estabelecido porque os verbos latinos não chegaram ao Português.

A conexão entre o Português e a diacronia do Latim é mais notória quando se constata que os significados em Português refletem mudanças e inovações que ocorreram no período pós-clássico e medieval. *Potável* reproduz o Latim medieval *potabilis* ‘que pode ser bebido’ (← *potare* ‘beber’); *passível* segue a nova forma pós-clássica *passibilis* ‘que pode sofrer’, ‘que pode ser emocionado’ (cf. Port. *compassível*), que é construída a partir do tema do *perfectum* do verbo *pati*, e amplia a semântica da forma clássica *patibilis* ‘que pode suportar’ (cf. Port. *compatível*). Outros adjetivos mantiveram memória de diferentes significados e prolongaram as idiosincrasias até ao Português contemporâneo. É o que acontece, por exemplo, com *sensível*, que no período clássico tinha uma interpretação passiva, ‘que pode ser sentido’, e que posteriormente adquire um valor ativo ‘que sente’. E, perfeito corolário, citemos o adjetivo *falível*, que poderia sugerir uma relação com *falir*, mas que só é explicável pelo Latim medieval *fallibilis*, do verbo *fallere*, que significa ‘enganar’.

O sufixo *-bil(is)* foi produtivo em diferentes etapas da língua latina e contribuiu para o incremento e especialização lexical nos domínios do discurso religioso e do direito. A partir do período renascentista, este sufixo acompanhou a inovação lexical novilatina que reformulou as possibilidades semânticas e morfológicas das línguas vulgares, criando e decalcando quase num mesmo gesto adjetivos inusitados em Latim clássico. A distinção entre

¹⁰ Estas são formas lexicalizadas, ou seja, palavras complexas que não têm uma estrutura composicional. Não deixa, no entanto, de ser possível, identificar, nestes casos, um morfema –*vel*, que participa até no contraste alomórfico característico do sufixo –*vel*, como se pode verificar nas nominalizações em –*idade* de alguns destes adjetivos (cf. *afabilidade*, *plausibilidade*, *visibilidade*).

formas recebidas e formas geradas no Português é um problema que só pode ser esclarecido pela pesquisa diacrónica, à medida que mais documentos vão permitindo a datação de formas.

A tradição escrita do Português testemunha que a formação de adjetivos deverbais com um sufixo *-bil/-vel* ocorre desde cedo na história da língua, replicando a produtividade em Latim, a par da introdução de outras formas claramente decalcadas. Vejam-se alguns exemplos que ocorrem em versões da *Regra de São Bento* (sécs. XV-XVI)¹¹:

ẽcorrigibil (Lisboa BNP Alc. 44 — c. 1430)

reprehensibil, intelligibil (Lisboa BNP Alc. 73 — 1461-1475)

acceptabil (Lisboa BNP Alc. 231 — c. 1414 a 1427)

semelhavel, perduravel, empeçível, açeytavel, aprazível, amavel, (Lisboa IANTT CF 99 — 1565)

Mas palavras como *odiável*, que apenas aparece atestada a partir de meados do século XIX¹², mostram que outros dos adjetivos em *-vel* são bastante recentes na história das línguas românicas, apesar de o verbo base conhecer largo uso muito antes (no caso de *odiar*, desde o século XVI). Estas palavras tardias constituem um fundo partilhado pelas línguas românicas, o que novamente parece denunciar a origem em domínios e registos especializados, literários e terminológicos, decalcados pelas traduções e progressivamente admitidos em usos menos marcados. O facto de geralmente terem um significado que não resulta de uma interpretação literal do verbo base é outro indício de um percurso retoricamente motivado.

Nesta secção, procurámos caracterizar a génese latina da sufixação em *-vel*, a partir da identificação de vestígios da sua atuação em adjetivos ainda presentes no léxico do Português. Algumas destas formas estão lexicalizadas e, portanto, não devem ser consideradas na análise sincrónica, outras são formas composicionais às quais terá competido a função de transmissores do próprio padrão de adjetivação em *-vel*.

¹¹ Dados recolhidos em I. Castro (coord.), *Manuscritos Portugueses da Regra de São Bento*. <http://oficinamssbento.wordpress.com/edicoes/>

¹² Por exemplo, em *Bom Senso e Bom Gosto*, um texto de Antero de Quental, publicado em 1865 (Coimbra: Imprensa da Universidade, p. 13), encontra-se a sequência “sobremaneira *odiável*”.

2. TIPOLOGIA BASEADA NAS RESTRIÇÕES DE SELEÇÃO

Excluídas as formas lexicalizadas e tendo em conta as propriedades de seleção morfo-sintática e morfo-semântica, pode então construir-se uma sistematização tipológica dos adjetivos em *-vel* do Português contemporâneo¹³, dado que são essas características que permitem encontrar as regularidades e irregularidades necessárias para a descrição destes adjetivos. Esta observação permitiu-nos encontrar quatro diferentes tipos de adjetivos sufixados por *-vel* e formados a partir de verbos com dois argumentos obrigatórios, e um quinto tipo de adjetivos em *-ável*, que não são deverbais.

(i) O primeiro é o caso típico que ocorre no Português contemporâneo. Trata-se da adjetivalização deverbal em que *-vel* se associa ao tema verbal do passado¹⁴ de verbos transitivos diretos. Anderson (1977) e Miguel (1986) sugeriram, relativamente a dados do Inglês e do Castelhana, respetivamente, que a estrutura argumental dos verbos derivantes dos adjetivos congéneres nessas línguas integra obrigatoriamente um argumento que desempenha a função de *tema* e que corresponde ao objeto direto. Esta generalização aplica-se também no Português, sendo o argumento que desempenha a função de *tema* realizado por um SN.

Na adjetivalização em *-vel*, o objeto direto do verbo é externalizado (cf. Williams 1981), passando a desempenhar a função de argumento externo na estrutura argumental do adjetivo derivado (cf.1), e recebe uma interpretação média que indica, predominantemente, possibilidade:

(1) <i>aceita</i> TVpassado [___ X _{SN} , OD[tema]]	→	<i>aceitável</i> ADJ [X _[tema] ___] 'que se pode <i>aceitar</i> '
<i>concebi</i> TVpassado [___ X _{SN} , OD[tema]]	→	<i>concebível</i> ADJ [X _[tema] ___] 'que se pode <i>conceber</i> '
<i>puni</i> TVpassado [___ X _{SN} , OD[tema]]	→	<i>punível</i> ADJ [X _[tema] ___] 'que se pode <i>punir</i> '

¹³ A hipótese aqui assumida é a de que o quadro geral é partilhado pelas variedades do Português aqui consideradas (Português Europeu e Português Brasileiro).

¹⁴ O tema verbal do passado é o que ocorre nas formas do particípio passado. A vogal temática presente nestas formas é idêntica à que está presente nos adjetivos em *-vel*:

<i>aceitar</i>	<i>aceitado</i>	<i>aceitável</i>
<i>conceber</i>	<i>concebido</i>	<i>concebível</i>
<i>punir</i>	<i>punido</i>	<i>punível</i>

Outros exemplos deste tipo são: *apreciável, calculável, comunicável, condenável, destacável, dispensável, fundível, habitável, justificável*¹⁵, *lamentável, lavável, louvável, negável, publicável, recomendável, suportável, tolerável*, que têm, no Português uma estrutura composicional, consistente com a do padrão.

(ii) Do segundo tipo fazem parte adjetivos em *-vel* que derivam de verbos transitivos indiretos. A caracterização do primeiro tipo faria prever que os verbos transitivos indiretos não permitissem gerar adjetivos em *-vel*, que é o que, de facto, se verifica em muitos casos, como **dependível, *insistível, *lebrável*, ou seja, casos em que o complemento frásico tem de ser introduzido por uma preposição (cf. (2)).

- (2) a. *A nossa ida à praia depende de estar bom tempo.*
b. **A nossa ida à praia depende que esteja bom tempo.*

No entanto, não é difícil encontrar casos de derivação em *-vel* a partir de verbos transitivos com um argumento interno indireto que também desempenha o papel de *tema* na estrutura argumental. Segundo Salles e Mello (2005), os verbos transitivos indiretos que permitem a derivação em *-vel* são verbos em que a preposição que introduz o *tema* é lexicalmente selecionada pelo verbo, podendo ser omitida quando este constituinte é realizado por uma oração completiva:

- (3) a. *O presidente confia no apoio deste grupo de pessoas.*
b. *O presidente confia que este grupo de pessoas o vai apoiar.*

Esta possibilidade de apagamento da preposição, independentemente referida por Peres e Mória (1995: 110-114) a propósito de verbos como *gostar (de), lembrar-se (de), convencer (de)*, que aceitam como complemento a mesma oração completiva não preposicionada, acaba por permitir uma aproximação morfo-sintática aos casos do primeiro grupo, na medida em que o facto de o objeto poder ser frásico permite a estes verbos aceder à derivação em *-vel*.

¹⁵ De um modo geral, todos os verbos derivados por sufixação em *-ific(ar)* e em *-iz(ar)* permitem a adjetivalização em *-vel*.

Pode, assim, admitir-se que, nos casos considerados neste grupo, o sufixo *-vel* seleciona como base derivacional o tema verbal do passado de um verbo que tem como objeto uma frase, à qual também está associada a função temática de *tema*¹⁶ (cf. (4)).

- (4) *confia*_{TVpassado} [___ X_{F, [tema]}] → *confiável*_{ADJ} [X_[tema] ___]
 ‘em que/quem se pode *confiar*’

Tal como no caso anterior, estes adjetivos recebem uma interpretação média que indica, predominantemente, possibilidade:

- (5) a. Esta previsão meteorológica é *confiável*.
 b. Este conjunto de pessoas é *confiável*.

Note-se que a aceitabilidade destas formas não é unânime. Palavras como *acreditável* ou *crível* não são sempre reconhecidas como palavras bem-formadas, mas estão atestadas e são facilmente interpretadas pelos falantes. Vejam-se os seguintes dados do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*:

- (6) a. *Quem foi S. Valentim? Uma **acreditável** lenda diz que Valentim, um sacerdote em Roma, abriu uma [...]*
 b. *Não julgamos que qualquer destas hipóteses seja **crível**, antes atribuímos a paternidade deste gravíssimo lapso à intenção manifesta de [...]*

A condição relevante continua, por isso, a ser que o argumento interno do verbo desempenhe o papel de *tema* na sua estrutura argumental.

(iii) O terceiro grupo é constituído por adjetivos formados a partir de verbos pseudo-transitivos, isto é, verbos com uma estrutura bi-argumental, cujo sujeito tem a função de *tema* e o argumento interno, geralmente um oblíquo, tem um carácter obrigatório, embora pareça apenas um adjunto.

¹⁶ Admitimos, neste caso, que é possível que argumentos frásicos desempenhem a função de tema, aproximando a natureza categorial destas expressões com a de expressões nominais:

- a. *Ir ou não ir ao cinema não está em causa.*
 b. *O ir ou não ir ao cinema não está em causa.*
 c. *O facto de ir ou não ir ao cinema não está em causa.*

Neste conjunto, encontramos verbos como *durar* ou *variar*, que requerem sempre a realização de um complemento, seja ele um sintagma nominal, que não sendo um objeto direto a ele se assemelha (cf. 9a), ou um sintagma preposicional, que é claramente um complemento oblíquo (cf. 10a).

- (9) a. Este detergente dura uma eternidade.
 b. Este detergente é muito *durável*.
- (10) a. Na Primavera, o tempo varia muito em temperatura e humidade.
 b. Na Primavera, o tempo é muito *variável*.

Note-se que, se, como refere Anderson (1977: 367), o sujeito pode desempenhar a função de *tema* na estrutura argumental de um verbo e se a condição necessária para a sufixação em *-vel* é a presença de um argumento *tema* na estrutura argumental que serve de base derivacional, não há, neste conjunto de formas, impedimento para a formação de tais adjetivos em *-vel*. É curioso notar que, contrariamente ao que se verifica com os dois primeiros tipos, neste a interpretação é ativa.

(iv) O quarto tipo reúne adjetivos cujas propriedades morfo-semânticas são bastante peculiares, já que só existem na forma negativa (cf. *imperdível* vs. **perdível*). Trata-se de palavras “recentes” como *inatingível* (séc. XVII) ‘impossível’; *interminável* (XVII) ‘demorado’; *intocável* (séc. XVIII) ‘proibido’; *imbatível* (XIX) ‘invencível’; *impensável* (séc. XIX) ‘inaceitável’; *infindável* (séc. XIX) ‘demorado’; *imperdível* (séc. XIX) ‘obrigatório’, entre outras¹⁷.

A hipótese que aqui colocamos é a de que estes adjetivos são derivados de predicções negativas, de modo que o significado do derivado é intrinsecamente negativo – ‘que não pode/deve ser Vdo’. Ou seja, o prefixo de negação e o sufixo de adjetivalização parecem estar simetricamente no escopo um do outro:

¹⁷ Note-se que este tipo de formas parece ser comum a várias línguas românicas e até ao Inglês:

Francês	<i>infatigable</i>	<i>interminable</i>	<i>intouchable</i>	<i>impensable</i>
Inglês	<i>indefatigable</i>	<i>interminable</i>	<i>untouchable</i>	<i>unthinkable</i>
Castelhano	<i>infatigable</i>	<i>impensable</i>	<i>interminable</i>	<i>intocable</i>
Italiano	<i>infaticabile</i>	<i>interminabile</i>	<i>impensabile</i>	<i>intoccabile</i>

(11) *perdi*_[TVpassado] → *imperdível*
 ‘que não se pode/deve perder’

Esta negação intrínseca parece poder ser comprovada por dois factos: (i) a relutância dos falantes em aceitar os verbos que deveriam corresponder à base derivante destes adjetivos no Português contemporâneo (cf. **imbater*, **impensar*, **imperder*, **inatingir*, **infindar*, **interminar*, **intocar* ou **invencer*) – e (ii) a inaceitabilidade ou dificuldade de encontrar contextos em que poderíamos usar os correspondentes positivos (cf. *?batível*, *?pensável*, *?perdível*, *?atingível*, *?vencível*, *?findável*, *?terminável*, *?tocável*, *?vencível*). Não é fácil encontrar atestações nem de uns nem de outros, embora não seja impossível¹⁸.

Pode, assim, admitir-se que estes adjetivos são, na verdade, construções parassintéticas, dado que são formados, não a partir de uma forma positiva que é prefixada negativamente, mas por prefixação em *in-* e sufixação em *-vel*, simultaneamente (cf. 11), o que também explica a implausibilidade das formas positivas correspondentes.

(v) O quinto e último tipo diferencia-se dos quatro anteriores porque seleciona como base derivante um radical nominal. Em palavras como *amigável*, *confortável*, *favorável* e *saudável*, entre outras, a base derivante não parece ser o verbo com o qual poderia haver alguma relação semântica (cf. *amigar*, *confortar*, *favorecer* e *saudar*) mas sim o nome que está na base desses verbos (ie. *amigo*, *conforto*, *favor* e *saúde*). A paráfrase semântica ajuda a compreender a relação do adjetivo com o radical nominal e não com o verbo: uma casa *confortável* não é uma casa ‘que conforta’, mas sim uma casa ‘que tem conforto’.

(12) *confort*_[RN] → *confortável*
 ‘que tem conforto’

Noutros casos, como *papável* ou *colunável*, cujo significado é, respetivamente, ‘que pode ser papa’ e ‘que pode surgir numa coluna de revista’, não há sequer um verbo semanticamente próximo que esteja disponível.

¹⁸ Considerem-se os seguintes exemplos, recolhidos em páginas publicadas online:

- a. *60 horas correspondem a 7 dias e meio, o que faz inatingir o mês que antecede a correção salarial* (www.sato.adm.br/rt_2001/rt2001-081.pdf)
- b. *A seleção teve dois jogos bem vencíveis contra francesas e russas e não conseguiu aproveitar* (vinteum.blogosfera.uol.com.br/2012/07/30/selecao-feminina-cai-em-jogo-vencivel-perde-chance-em-grupo-aberto-e-se-complica/)

- (13) *colun*_[RN] → *colunável*
 ‘que pode surgir numa coluna de revista’

Nestes dois casos, o sufixo não pode ser *-vel*, dado que a vogal que o precede não faz parte da base nominal, que é um radical¹⁹. Por outro lado, a semântica destes derivados é também muito distinta da dos casos anteriores. Pode, assim, considerar-se que se trata de um diferente processo de formação de palavras, protagonizado por um diferente sufixo (ie. *-ável*). Por esta razão, não o consideraremos na análise que se segue²⁰.

3. CASOS DE EXCLUSÃO

A tipologia acima apresentada, e sobretudo a consideração dos três primeiros casos, permite concluir que não é possível formar adjetivos em *-vel* a partir de verbos que não possuem um argumento com a função de *tema*. Assim, espera-se que verbos inergativos e inacusativos não permitam a derivação deste tipo de adjetivos, dado que, tal como já foi descrito na literatura, nomeadamente por Eliseu (1984) ou Grimshaw (1994), entre outros, o argumento externo, e único, dos verbos inergativos (cf. *correr, soluçar, ladrar*) desempenha o papel temático de *agente* (cf.14).

- (14) a. **corrível*
 b. **soluçável*
 c. **ladrável*
 d. **crescível*²¹
 d. **dormível*
 e. **espirrável*
 f. **andável*²²

¹⁹ *amigo*_N *amig*_[RN] *ável*
*conforto*_N *confort*_[RN] *ável*
*saúde*_N *saud*_[RN] *ável*
*favor*_N *favor*_[RN] *ável*
*coluna*_N *colun*_[RN] *ável*

²⁰ É, porém, interessante notar que em alguns destes adjetivos a interpretação parece deixar de ter um carácter tão modal, e é ativa: *confortável* é ‘que tem conforto’, *favorável* é ‘que está a favor de’, da mesma forma que *saudável* é ‘que tem ou transmite saúde’ e que *amigável* é ‘que é próprio de amigos’. Já em *papável* ou *colunável*, a modalização volta a fazer sentido, estando novamente envolvida uma possibilidade no significado das palavras e do sufixo.

²¹ Exemplos de Eliseu (1984: 14).

g. **chorável*

h. **sorrível*

No caso dos verbos inacusativos, esta mesma inaceitabilidade de derivação adjetival (cf.15) não parece poder justificar-se pela estrutura temática da base derivante, se seguirmos a tradição na descrição destas estruturas argumentais. Eliseu (1984) ou Grimshaw (1994) consideram que o único argumento de um verbo inacusativo tem a função de *tema*, o que corresponderia à condição necessária para a formação de adjetivos em *-vel*. No entanto, os seguintes exemplos mostram a muito mais restrita aceitabilidade²³ dessas formas relativamente a verbos inacusativos:

²² A forma *andável*, contrariamente ao que sucede com as restantes formas que integram este conjunto, está atestada no *Dicionário Houaiss*, mas a dicionarização (ou a ausência de dicionarização) dos adjetivos em *-vel*, questão que aqui não trabalhamos, não é, por si só, significativa.

É possível encontrar ocorrências de quase todas estas formas em documentos publicados *online*. Todas estas ocorrências provêm da variedade brasileira do Português:

- a. *Ferramenta calcula se sua cidade é "andável"* ([in ideiasdoamanha.blogspot.pt/2009/06/ferramenta-calcula-se-sua-cidade-e.html](http://ideiasdoamanha.blogspot.pt/2009/06/ferramenta-calcula-se-sua-cidade-e.html))
- b. *O desempenho parlamentar é 'chorável'* ([in ohorst.blogspot.pt/2012/05/o-desempenho-parlamentar-e-choravel.html](http://ohorst.blogspot.pt/2012/05/o-desempenho-parlamentar-e-choravel.html))
- c. *Eu gosto de correr pelos parques que ficam numa distância "corrível" da minha casa* ([in mulheres-correndo.blogspot.pt/2012_04_01_archive.html](http://mulheres-correndo.blogspot.pt/2012_04_01_archive.html))
- d. *O jogo do Brasil Hj tava Dormível ...* ([in www.plurk.com/p/5zxenv](http://www.plurk.com/p/5zxenv))
- e. *Poucas são as pessoas que conseguem arrancar verdadeiras gargalhadas soluçáveis e dolorosas como ele faz* ([in poucos-dotes.blogspot.pt/2011/11/um-metro-e-noventa-e-tanto.html](http://poucos-dotes.blogspot.pt/2011/11/um-metro-e-noventa-e-tanto.html))

²³ De novo se verificam contrastes de aceitabilidade entre o Português Europeu e o Português do Brasil. *Nascível* é a única forma atestada no *Dicionário Houaiss*, mas todas estas formas ocorrem em publicações *online* de origem brasileira:

- a. *Bati os pés impacientemente contra o confortável e altamente **adormecível** colchão e levantei.* (fanfiction.com.br/historia/51223/Someone_to_Call_Mine_I/capitulo/26)
- b. *Discordar disso é assinar o atestado de torcedor de time **caível**.* (www.orkut.com/Main#CommMsgs?cmm=31313428&tid=5670087417773893557&na=4&nst=71&nid=31313428-5670087417773893557-5670329134582945135)
- c. *Santo André (facilmente **chegável** de metro/trem)* (www.fotolog.com/tsubasaai/9891289/)
- d. *[...] núcleos iniciais dum povoamento **crecível** nos anos[...]* (www.descalvadoonline.com.br/conhecadescalvado/historia4.htm)
- e. *Alguns dos maiores galãs da indústria musical subiram ao palco do Madison Square Garden, tornando particularmente o show desse ano bem '**desmaiável**'.* (onedirection.com.br/page/74/)
- f. *Metro linha 2 **entrável!*** (profiles.google.com/108892977012477351346/buzz/8MJqpiEzArD)
- g. *[...] personagem "**morrível**" é aquele que chega na história como um simples qualquer* (<http://labirintoimaginario.blogspot.com.br/2012/11/enquete-001-morte-de-personagens.html>)
- h. *[...] valores já trabalhados a partir do **nascível**, isto é, da boa educação recebida desde o berço [...]* ([www.usf.edu.br/ifan/uploadAddress/Espiritualidade%20para%20uma%20vida%20virtuosa_25\[16288\].pdf](http://www.usf.edu.br/ifan/uploadAddress/Espiritualidade%20para%20uma%20vida%20virtuosa_25[16288].pdf))
- i. *Queria saber quem, em **sã** consciência, gasta um sábado à noite perfeitamente **saível** pra conversar comigo.* (maffalda.net/2003/03/queria-saber-quem-em-s-conscincia.html)

- (15)
- a. **adormecível*
 - b. **caível*
 - c. **chegável*
 - d. **crescível*
 - e. **desmaiável*
 - f. **entrável*
 - g. **morrível*
 - h. **nascível*
 - i. **saível*

Assim, fica claro que o sufixo é sensível à estrutura argumental da forma derivante, justificando-se, pelo menos no que diz respeito ao Português Europeu, a impossibilidade de derivação em *-vel* de verbos com apenas um argumento, sejam eles inergativos (e portanto com um argumento claramente externo), sejam eles inacusativos (cujo argumento interno é deslocado para a posição de argumento externo), o que indica como forte restrição para esta derivação a seleção de uma estrutura argumental com dois argumentos²⁴.

4. ACERCA DA SEMÂNTICA DOS DERIVADOS EM *-VEL*

Os cinco tipos que anteriormente enumerámos diferenciam-se entre si pelas particularidades morfológicas e semânticas de cada um, mas acabam por revelar três principais propriedades da semântica do sufixo *-vel*: a interpretação de voz média ou ativa, a modalidade e a inerência atributiva.

A interpretação de voz média ou ativa é, como pudemos ver pela descrição dos dados, variável, dependendo de cada caso. Se bem que a maior parte dos adjetivos em *-vel* tenha uma interpretação média, sendo ela a que tipicamente caracteriza estas palavras, alguns admitem uma leitura ativa, afastando-se ainda mais da tradicional consideração de que estes adjetivos são formados como uma espécie de construções passivas. É o que acontece, por exemplo, com os adjetivos do terceiro tipo (cf. *durável*, *variável*). A interpretação é passiva quando o argumento que desempenha a função de tema é um argumento interno, é ativa quando essa função é desempenhada pelo argumento externo da base verbal.

²⁴ Agradecemos os comentários e as sugestões de André Eliseu sobre este ponto.

A modalidade é uma das propriedades mais características deste sufixo. Os adjetivos em *-vel* têm quase sempre um significado que é, na sua gênese, relativamente modalizado (encarando a modalidade enquanto forma de expressar a atitude do enunciador para com o enunciado), o que se pode ver no facto de as suas paráfrases conterem os típicos verbos modais do Português – *poder* e *dever*.

A alternância entre os dois verbos *pode*, no entanto, levar-nos a refletir sobre a natureza desta modalidade. Por um lado, ela parece sobretudo epistémica, sendo que o uso de *poder* em vez de *dever* pode indicar apenas uma diferença na força modal (o grau de crença na possibilidade denotada pelo sufixo), indicando *poder* uma menor certeza na possibilidade do que *dever*. Por outro lado, se pensarmos em adjetivos como *condenável* ou *punível*, poderemos estar perante uma dicotomia entre modalidade epistémica e deôntica, na medida em que, nestes casos, dizer que algo ‘deve ser condenado’ ou que ‘deve ser punido’ pode não ser mais do que uma conclusão (modal) proveniente da avaliação e consideração do cumprimento de regras do mundo, não estando o sufixo *-vel* a denotar uma possibilidade mas sim uma obrigação.

Na análise de Oliveira e Ngoy (2007: 197-199), que comenta palavras como *condenável*, *lamentável*, *publicável* e *punível*, considera-se que esta distinção decorre do tipo do verbo base e no momento da sua combinação com o sufixo derivacional: os verbos transitivos, como *lavar*, quando adjetivalizados, desencadeiam mais facilmente uma interpretação de possibilidade, ao passo que os verbos de atitude proposicional (termo sugerido pelos autores) – como *condenar*, *lamentar* ou *punir* – evocam um sentido de obrigação ou dever, o que explicaria o uso de verbos modais mais fortes (*dever* ou até mesmo *merecer*) nas respetivas paráfrases e interpretações. Akmajian *et al.* (1979) referem a importância da inferência pragmática que é feita na interpretação de um adjetivo deste género, na medida em que a alternância entre *poder* e *dever* é influenciada pelo contexto em que a palavra é usada²⁵, o que também parece ser uma afirmação pertinente neste caso.

Além desta possibilidade, o sentido do sufixo *-vel* caracteriza-se ainda pela ideia de inerência. Semanticamente, ele denota (e atribui) uma propriedade intrínseca, e por isso algo repetível, de um determinado objeto, ou seja, uma camisola *lavável* será uma camisola que possui intrinsecamente a propriedade de poder ser lavada (uma e outra vez), tal como um discurso *louvável* será um discurso com propriedades tais que pode ser louvado várias vezes

²⁵ Akmajian *et al.* (1979: 125): “[...] For example, we have noted that ‘payable’ does not mean merely ‘able to be paid’ but means ‘should be paid’ in the context of the banker talking about the due date of the bill. [...] Our interpretation of ‘can’ as meaning ‘should’ would be a matter of a pragmatic reference, on our part, from the actual situation.”

ou por várias pessoas – digno de louvor. Quer isto dizer que o sentido, ou significado, deste sufixo envolve não só a modalidade que já descrevemos mas também, e sobretudo, a atribuição de uma propriedade ao objeto: a predicção destes adjetivos consiste precisamente na atribuição da propriedade que corresponde ao evento denotado pelo verbo-base, estendendo-o à propriedade do objeto (e portanto “estatizando-o”). Esta característica será igualmente uma importante restrição para a seleção da base derivante, pois a adjetivalização em *-vel* é também muito sensível às características semânticas dos elementos envolvidos na sua estrutura argumental, como veremos adiante.

5. HIPÓTESES DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS REMANESCENTES

Perante a descrição da evolução etimológica, das restrições de seleção e das propriedades semânticas dos adjetivos em *-vel* feita nas secções anteriores, cabe agora apontar e perceber os casos de adjetivos deste tipo que constituem contra-exemplos, ou seja, casos em que a sufixação em *-vel* é inesperadamente inaceitável, ou, pelo menos, menos aceitável.

Antes de mais, há que deixar claro que as palavras que trataremos nesta secção estão sujeitas a juízos de aceitabilidade muito diferenciados porque, em última instância, elas são compreensíveis para qualquer falante de Português que conheça o sufixo *-vel* e o processo de adjetivalização que ele permite concretizar. No entanto, a explicação para o seu uso muito mais restrito parece-nos importante para perceber que, de facto, este processo de derivação tem restrições semânticas próprias e específicas, de tal forma que, mesmo tendo propriedades morfológicas e sintáticas suficientes para tal, certos verbos impedem (ou dificultam) a formação destes adjetivos.

A justificação da inaceitabilidade de formação de adjetivos em *-vel* a partir de certos verbos pode passar por dois níveis de análise: o da estrutura temática e o da estrutura aspetual da predicção derivante. Os elementos da estrutura argumental – o verbo e o objeto ou sujeito – precisam de cumprir determinadas condições semânticas para o bom funcionamento da adjetivalização em questão.

Ora, a semântica deste sufixo é particularmente restritiva em relação a propriedades aspetuais dos verbos que são seleccionados como base. Reparemos nos estranhos casos de (16)²⁶:

²⁶ Verifica-se, de novo, que duas destas formas estão registadas no Dicionário Houaiss (cf. *criável* e *produzível*) e que todas ocorrem em publicações *online* de origem brasileira:

- (16)
- a. **construível*
 - b. **criável*
 - c. **desenhável*
 - d. **escrevível*
 - e. **formável*
 - f. **marcável*
 - g. **pintável*
 - h. **produzível*
 - i. **prometível*

Estes adjetivos são formados a partir de verbos existentes no Português – *construir, criar, desenhar, escrever, formar, marcar, pintar, produzir, prometer*. Não há, pois, razões para pensar que sejam uma qualquer herança do Latim ou empréstimos de outras línguas. Por outro lado, os verbos derivantes têm uma estrutura argumental que parece satisfazer os requisitos do processo de sufixação em questão, para além de permitirem formar uma construção passiva ou de voz média: são transitivos diretos e têm um argumento interno com função de *tema*.

No entanto, a aceitabilidade dos derivados é muito mais restrita do que seria de esperar. A hipótese que se coloca é a de que haverá uma incompatibilidade entre a exigência referencial que caracteriza o sufixo e a resultatividade que caracteriza os verbos derivantes.

-
- a. *Area de preservação permanente em frente ao lote (não **construível**)*
(www.classificados.com.br/index.php?page=search&s_res=GO&q=constru%EDvel&s_by=f_cidade)
 - b. *Tudo é **criável**. Existe amor aqui.*
(www.recantodasletras.com.br/pensamentos/2445395)
 - c. *Um meio para visualizar informação, tornando-a manipulável e **desenhável**.*
(www.pucsp.br/artecidade/novo/pesquisa/diagramas/diagramas_tx03.htm)
 - d. *Sobre os textos **escrevíveis** talvez não haja nada a dizer. Primeiro: onde encontrá-los?*
(pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero37/silencio.html)
 - e. *Artigo **dessensibilizável** e **formável** em imagem que tem pelo menos uma camada*
(www.patentesonline.com.br/artigo-dessensibiliz-vel-e-form-vel-em-imagem-que-tem-pelo-menos-uma-camada-e-processo-168490.html)
 - f. *Sua atuação no julgamento foi **marcável** e digna do seu esforço heroico por justiça.*
(aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=loadVerbete&palavra=marc%E1vel)
 - g. *Papel de parede **pintável**.*
(ipatinga.olx.com.br/papel-de-parede-pintavel-mur-paint-muresco-tudo-em-papeis-de-parede-iid-438034755)
 - h. *[...] embalagem de cigarros **produzível** de uma folha de peça recortada [...]*
(www.patentesonline.com.br/folha-de-pe-a-recortada-e-embalagem-de-cigarros-produz-vel-de-uma-folha-de-pe-a-recortada-149780.html)
 - i. *É “**prometível**” que tenhamos o fechamento de uma década cheia de grandes emoções.*
(twitpic.com/photos/taacastro)

Bisetto e Melloni (2007: 396) apresentam uma tipologia de verbos que assenta nas suas propriedades de resultatividade, identificando uma categoria a que chamam verbos resultativos de objeto²⁷, e que compreende verbos que “denotam eventos que dão existência a uma nova entidade/objeto e em que o objeto ‘afetado’ corresponde a um tema”²⁸. Parece ser o que acontece com os verbos de (16): o objeto não é apenas sintaticamente dependente do verbo mas também semanticamente, ou até mesmo pragmática e ontologicamente. Só a concretização do evento denotado pelo verbo permite a existência do objeto: um texto só existe depois de ser escrito, uma casa depois de ser construída, um esboço depois de ser desenhado, uma promessa depois de ser prometida.

Ainda que esta possa ser uma restrição menos forte do que as anteriormente referidas²⁹, não deixa de se verificar que a prévia existência do objeto (sujeito do adjetivo) também é condição semântica necessária para a formação dos adjetivos em *-vel*. O objeto sobre o qual estes adjetivos predicam não pode ser resultado da concretização do evento do verbo derivante - tem de ter, já por si e independentemente de outros argumentos, a capacidade de possuir intrinsecamente a propriedade correspondente a esse evento, e de ser repetidamente alvo da ação desse verbo, sem depender dele para existir. A incompatibilidade entre a resultatividade do verbo derivante e esta exigência referencial do sufixo derivacional justifica, por isso, a estranheza de palavras como **construível* ou **escrevível*, mas também explica a aceitabilidade de *reconstruível* ou de *reescrevível*. Neste segundo caso, com verbos já por si repetitivos, a existência do objeto já não está dependente da concretização dos eventos dos verbos, e por isso ele pode ter como propriedade a possibilidade de ser alvo do evento em questão. Seguindo ainda a tipologia de Bisetto e Melloni (2007: 396), parece então seguro afirmar que não é fácil formar adjetivos em *-vel* a partir de verbos resultativos de objeto - os verbos mais puramente resultativos - como *construir* ou *escrever*, sendo menos difícil derivar esse tipo de adjetivos a partir de verbos resultativos de criação³⁰ - como *reescrever* ou *reconstruir*³¹. O objeto dos primeiros é resultado da concretização do evento do verbo, ao passo que o objeto dos segundos é pré-existente e independente do evento, podendo por isso ser alvo da predicação do sufixo *-vel*.

²⁷ Tradução nossa.

²⁸ Bisetto e Melloni (2007: 396) - tradução nossa.

²⁹ É possível que não se trate de uma restrição (impeditiva), mas da expressão de uma preferência, e que a sua diferente intervenção esteja relacionada com variação dialectal ou sociolectal.

³⁰ Verbos que “denotam eventos que criam uma nova entidade/objeto em relação com um existente que é representado pelo objeto direto do verbo” (Bisetto e Melloni 2007: 396 - tradução nossa).

³¹ As autoras dão ainda outros exemplos para o Inglês, correspondentes aos verbos portugueses *copiar*, *representar* ou *traduzir*, a partir dos quais seria igualmente aceitável a adjetivalização de que aqui falamos (cf. *copiável*, *representável*, *traduzível*).

Por outro lado, o que acontece com casos como os de (17) é uma restrição de teor aspetual da seleção da base derivante (isto é, do tipo de estrutura verbal ou argumental), o que se relaciona com o que acabámos de descrever, mas também com específicas características de estrutura eventiva (*aktionsart*) dessa base.

- (17) a. **descobrível*
b. **encontrável*

Repare-se que os adjetivos de (17) seriam formados a partir de verbos que denotam eventos pontuais (cf. tipologia de verbos de Moens (1987): “culminações” e “pontos”), como sejam *descobrir* ou *encontrar*. Ora, estes predicados têm uma estrutura bi-argumental (transitiva direta) regular para esta adjetivalização, mas a pontualidade dos eventos que denotam parece incompatível com a iteratividade semântica que acaba por caracterizar a aplicação deste sufixo a um objeto. Se um adjetivo em *-vel* atribui a um objeto uma propriedade inerente, essa propriedade acaba por ser repetitiva, porque há de verificar-se genericamente.

Assim, a iteratividade do sufixo transporta consigo a exigência, não só de um objeto caracterizado pela pré-existência (e independência) à ação do verbo, mas também de um verbo cujo evento possa ser repetido, pois são essas condições que permitem que o objeto sofra a mesma ação repetidamente, ou seja, que possua (intrínseca e previamente) uma propriedade do tipo da dos adjetivos em *-vel*. O que acontece com eventos pontuais como *encontrar uma moeda*, *descobrir a cura para o cancro*, *morrer*, *nascer* ou outros é que estes se completam (atingem o seu *telos*) no exato momento em que se concretizam, e por isso os eventos em si (encontrar aquela moeda, descobrir aquela cura, morrer ou nascer) não podem, em última instância, repetir-se. Os objetos (a moeda, a cura para o cancro, o ser que morre ou nasce, etc.) não podem sofrer a predicação (ou eventualidade) repetidamente, e por isso não podem ter como propriedade essa possibilidade. Em estruturas como as de (18), parece estranho dizer-se que uma moeda é **encontrável* (pelo João) porque o João só a pode encontrar uma vez (das outras vezes apenas a reencontrará, se voltar a perdê-la), da mesma forma que a cura para o cancro não é **descobrível* (pelo médico) várias vezes, porque a sua descoberta é concluída no momento da concretização do próprio evento (cf. 19). É isto que

justifica a impossibilidade³² de formação deste tipo de adjetivos a partir de verbos que denotam eventos pontuais.

- (18) a. O João encontrou uma moeda.
b. *A moeda é *encontrável*.

- (19) a. O médico descobriu a cura para o cancro.
b. *A cura para o cancro é *descobrível*.

O principal problema que fica por resolver é, então, o caso de adjetivos como os de (20), cuja estrutura argumental derivante não apresenta problemas maiores, porque se trata maioritariamente de verbos transitivos que contêm um argumento que desempenha o papel de *tema*, e que não têm o mesmo caráter pontual que os dos exemplos de (17). No entanto, a adjetivalização em *-vel* não parece ser aceitável³³:

³² A impossibilidade de ocorrência destas formas não é, uma vez mais, absoluta. O contexto frásico pode ajudar a legitimar algumas ocorrências (cf. *Estes insectos são encontráveis em contentores com águas paradas*). *Encontrável* (mas não *descobrível*) está atestado no Dicionário Houaiss. *Descobrível* surge em comments.gmane.org/gmane.linux.ubuntu.region.brazil/22027 ([*e*]screver a senha no arquivo não é uma boa prática, pois a torna "*descobrível*").

³³ A aceitabilidade destas formas é, uma vez mais variável. Há três adjetivos deste grupo que estão registados no Dicionário Houaiss (cf. *comprável*, *partível*, *sabível*). À exceção de *dável*, todos estes adjetivos estão atestados em textos publicados online:

- a. [...] a vida não é *comprável* [...] (www.odemarmendes.com.br/2012/10/no-fundo-vida-nao-e-compravel.html)
- b. [...] não se escolhe o que está acima do *escolhível* [...] (thais-ayres.blogspot.pt/2008_03_18_archive.html)
- c. Gosto de músicas e não de barulho então funk n é considerado por mim algo *ouvível*. (www.slideshare.net/daayane18)
- d. “Metade disponível” é a metade da herança líquida, do monte *partível*, após abater as dívidas e despesas (books.google.pt/books?id=fK6eOzdL2BIC&pg=PA178&lpg=PA178&dq=part%C3%ADvel&source=bl&ots=GmolZAIU89&sig=NZcDhYTStFrkycNeUAh7bgoI-38&hl=pt-PT&sa=X&ei=YpMqUbezCJG5hAf4wYHIAw&redir_esc=y#v=onepage&q=part%C3%ADvel&f=false)
- e. [...] o desdobramento da análise a partir de certa relação de força estabelecida, em dado momento, historicamente *precisável*, na guerra e pela guerra, [...] (books.google.pt/books?id=dpjnY6Szl68C&pg=PA143&dq=precis%C3%A1vel&hl=pt-PT&sa=X&ei=CZQqUYOxGciLhQfPn4CYDg&ved=0CDkQ6AEwAg#v=onepage&q=precis%C3%A1vel&f=false)
- f. [...] só estou perguntando o que foi feito das promessas, nada processável, somente *prometível* [...] (br.groups.yahoo.com/group/botafogofr/message/90897)
- g. [...] nas histórias de amor é sempre *querível*, porém nem sempre possível, estar feliz todo o tempo [...] (sfloresta.tumblr.com/post/518444079/nas-historias-de-amor-e-sempre-querivel-porem)
- h. Assaltantes assam gatinha no microondas por não achar nada *roubável* em casa. (virgula.uol.com.br/ver/noticia/inacreditavel/2011/12/05/289614-assaltantes-assam-gatinha-no-microondas-por-nao-achar-nada-roubavel-em-casa)

- (20)
- a. *^{/??} *comprável*
 - b. *^{/??} *dável*
 - c. *^{/??} *escolhível*
 - d. *^{/??} *ouvível*
 - e. *^{/??} *partível*
 - f. *^{/??} *precisável*
 - g. *^{/??} *prometível*
 - h. *^{/??} *querível*
 - i. *^{/??} *roubável*
 - j. *^{/??} *sabível*

Se se trata de questões relativas às propriedades do objeto, ou de questões aspetuais do verbo selecionado como base, é o que fica por explicar, uma vez que nenhuma das condições que anteriormente descrevemos parece poder servir como restrição neste caso. Parece-nos haver uma qualquer incompatibilidade entre o evento (e consequente propriedade) denotado por esses verbos e a propriedade inerente ao objeto que denotaria o adjetivo deles derivado em *-vel*. No entanto, deixamos mais uma vez, claro que admitimos a possibilidade de contextos em que estas palavras sejam perfeitamente admissíveis ou plausíveis – todos compreenderiam o sentido do seu uso e o seu significado. Vejam-se os contextos linguísticos inventados de (21):

- (21)
- a. O ladrão entrou na casa mas achou que nada do que lá havia era roubável.
 - b. Ela acha que estes CDs são compráveis em qualquer loja de música de Lisboa.

Conclui-se, assim, que o facto de este sufixo atribuir uma propriedade inerente e genérica a uma entidade é a característica da sua semântica que mais restrições pode colocar ao processo de adjetivalização aqui tratado. O facto de tornarem estativo (denotarem uma propriedade específica e intrínseca do objeto) o evento denotado pelo verbo derivante faz com que estes adjetivos não possam ser formados a partir de verbos cuja ação influencia a

i. *Adotou a divisa latina De omni re scibili (de todas as coisas sabíveis).*
 (<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/showNews/al171020011.htm>)

existência do objeto. Só um objeto já existente pode ter a propriedade intrínseca de sofrer (repetidamente) uma qualquer ação, e por isso só verbos que não dão existência ao seu objeto podem tornar-se propriedades do mesmo. O sufixo não é, por isso, compatível (gramatical e até ontologicamente) com todos os tipos de predicados.

CONCLUSÃO

A análise do comportamento sincrónico e diacrónico dos adjetivos derivados em *-vel* no Português permitiu-nos concluir que o processo de sufixação que ele compõe é bastante abrangente nesta língua. Os dados mostram que este é um sufixo de adjetivalização deverbal que seleciona como base derivante o tema verbal do passado de verbos com dois argumentos obrigatórios, e que predica sobre o argumento que desempenha a função de *tema* da estrutura verbal de base, seja o sujeito (cf. *durável*), o objeto direto (cf. *lavável*) ou um objeto frásico (cf. *confiável*). O argumento tema é o sujeito do adjetivo derivado. Um caso mais específico é o dos adjetivos que são formados a partir de uma predicação verbal intrinsecamente negativa, e que por isso integram esse sentido negativo e só são aceites na forma prefixada pela negação (cf. *imperdível*), dando origem a estruturas parassintéticas.

Morfologicamente distintos destes quatro serão os adjetivos cuja base derivante é nominal e não-verbal (cf. *confortável*). Este é um processo de sufixação muito semelhante ao anterior, mas não é exatamente o mesmo - são diferentes as restrições de seleção, diferente a semântica do derivado e até é diferente a forma do sufixo (ie. *-ável*).

Comum aos quatro tipos de adjetivos deverbais em *-vel* é a semântica do sufixo que os compõe. Em todos estes casos, o sufixo denota uma propriedade intrínseca do objeto sobre o qual predica – a propriedade correspondente ao verbo ou nome que seleciona como base –, e sobretudo atribui a essa propriedade um carácter modal que se revela na consideração de uma possibilidade (epistémica ou deôntica) – cf. *lavável*, ‘*que se pode lavar*’. A interpretação destes adjetivos é, assim, maioritariamente de voz média, embora também possa, em alguns casos, ser ativa (cf. *durável*, ‘*que dura*’).

Por fim, tendo em conta estas propriedades, pudemos perceber que este processo tem restrições de seleção semântica muito específicas, que justificam a inaceitabilidade de adjetivalização em *-vel* de verbos puramente resultativos (cf. **escrevível*), ou de verbos que denotam eventos pontuais (cf. **encontrável*), por incompatibilidade com a exigência de uma entidade referente previamente existente ou com o carácter intrínseco e genérico que caracterizam o sentido do sufixo em questão.

Deixando em aberto e propícia a futuros estudos uma comparação com a realização deste processo em outras línguas, o que igualmente poderá revelar interessantes idiossincrasias do Português, e também a comparação entre variedades do Português, este trabalho permitiu, assim, fazer uma descrição da adjetivalização em *-vel* do Português, sem esquecer que há uma ténue fronteira entre a aceitabilidade e a inaceitabilidade de muitos dos casos (cf. **^{/?}comprável*), o que também permite mostrar a produtividade desta sufixação nesta língua.

Historicamente, o Português do Brasil tem contribuído para algum desbloqueio lexical (morfológico e semântico) do Português Europeu. Desde o século XIX, a circulação de textos é muito mais abundante no sentido Brasil-Portugal, e parece ser recorrente que formas e sentidos inovadores tenham as suas primeiras ocorrências documentadas em textos brasileiros. Neste nosso trabalho notamos justamente que no Português Brasileiro há mais testemunhos de usos inovadores e pontuais, que se caracterizam pela intercompreensão entre variantes do Português. Ou seja, estas formas não são facilmente formadas em Português Europeu, mas não parece haver impedimento à sua produção e reconhecimento num contexto interlinguístico mais alargado. A divulgação de textos na internet e a valorização de registos de escrita que antes se caracterizavam pela sua efemeridade poderá contribuir para uma crescente aceitação e produção destas formações em *-vel* no Português Europeu e, conseqüentemente, para mudanças na própria natureza deste processo de formação de palavras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. AKMAJIAN, A., *et al.* *Linguistics: an Introduction to Language and Communication*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1979.
2. ANDERSON, S. R. Comments on the Paper by Wasow (The Role of the Theme in Lexical Rules). In: CULICOVER *et al.* (eds.), *Formal Syntax*. Nova Iorque: Academic Press, pp. 361-377, 1977.
3. -. *A-Morphous Morphology*. Cambridge: University Press, 1992.
4. BISETTO, A.; MELLONI, C. Result Nominals: a lexical-semantic investigation. *On-line Proceedings of the Fifth Mediterranean Morphology Meeting (MMM5) Fréjus 15-18 September 2005*, de G. Booij *et al.* (eds.). Universidade de Bolonha, 2007.

5. ELISEU, A. *Verbos Ergativos do Português: Descrição e Análise*. Trabalho de síntese para prova de aptidão pedagógica e capacidade científica apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1984.
6. GRIMSHAW, J. *Argument structure*. Cambridge: The MIT Press, 1994.
7. MIGUEL, E. de. Papeles temáticos y regla de formación de adjetivos en *-ble*. *Cuadernos de Filología Hispánica*, n. 5, Madrid: Ed. Univ. Complutense, pp. 159-181, 1986.
8. MILLER, G. *Latin Suffixal Derivatives in English and their Indo-European Ancestry*. Oxford: Oxford University Press, pp. 223-232, 2006.
9. MOENS, M. *Tense, Aspect and Temporal Reference*. Dissertação PhD, University of Edinburgh, 1987.
10. OLIVEIRA, R. P. de; NGOY, F. M. Notas sobre a semântica do sufixo ‘-vel’: A expressão da modalidade no PB. *Revista Letras*, nº 73, Curitiba, pp. 185-201, 2007.
11. PERES, João; MÓIA, Telmo. *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1995.
12. SALLES, H. M.; MELLO, M. A. Adjetivos em *-vel*: Formação e Produtividade. *Revista Investigações. Linguística*, nº 18.2, 2005.
13. [www.revistainvestigacoes.com.br/Volumes/Vol.18.N.2_2005_ARTIGOSWEB/HeloisaSalles-MariaAparecidaMello_ADJETIVOS-EM-VEL_Vol18-N2_Art11.pdf]
14. SILVA, A. L. R. *Morfologia Derivacional da Língua Portuguesa: o Sufixo -vel na Formação dos Adjetivos*. Fortaleza: UFC, 2009.
15. VILLALVA, A. *Estruturas Morfológicas. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*. Tese de Doutorado - Universidade de Lisboa, 1994. Lisboa: FCT e FCG, 2000.
16. -. *Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta, 2008.
17. WILLIAMS, E. Argument structure and morphology. *The Linguistic Review*, nº1, pp. 84-114, 1981.

ABSTRACT: The formation of *-vel* adjectives, either in Portuguese or in other romance languages and even in English (considering the equivalent suffix in these languages), counts with several descriptions and analysis. It is a very productive deverbial adjective-forming process. Therefore, we find a large number of *-vel* adjective both in corpora and in dictionaries and we also find adjectives of this kind that are not registered in dictionaries but there are accepted as ‘potential words’. Usually this process is described as selecting only transitive verbs and yielding passive reading adjectives. We know, from the literature, that selectional restrictions are more fine-grained than this, and we also know that depicting these adjectives as passive adjectives is by far an excessively simplistic approach. In this paper, we will first discard all lexicalized adjectives that could not be derived in Portuguese: although we can recognize the suffix, it is impossible to retrieve a base verb theme. Secondly, we

identify a set of adjectives that were formed in Latin and remain compositional forms in Portuguese – these must be the case that served as patten. Subsequently, we will present a typology of *-vel* adjectives based on the selectional restrictions of the word formation process; we will also discuss the formation of denominal *-ável* adjectives. We will then proceed with a description of the main characteristics of the semantics of *-vel* adjectives, and, finally, we will discuss some remaining problems. Our main finding was that there are several types of *-vel* adjectives and that this diversity is closely related to the variety of verbal bases.

KEYWORDS: *-vel* adjectives; argument structure; thematic structure; aspect.

Recebido no dia 05 de dezembro de 2012.

Aceito para publicação no dia 04 de março de 2013.